

Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

Conversão

*Por Maria Elizabeth Mori**

O corpo em desatino: Aquilo que a palavra não diz o corpo grita!

Dizemos que a pessoa está "nervosa" quando percebemos nela um excesso de emoção em suas reações. Hoje, falamos também que "o sujeito se estressou"! Diante de uma provocação, perturba-se em demasia, apresentando descargas afetivas apaixonadas (ciúmes, raiva, inveja, arrogância) e sintomas físicos (palpitações, mãos geladas, dor de cabeça, vômitos, diarreia, paralisias). Muitos caem de cama. Outros tantos baixam em hospitais. O sofrimento pode até levar a um "ataque de nervos". Fala-se em doenças psicossomáticas. Lembro-me do filme de Pedro Almodóvar, "Mulheres à beira de um ataque de nervos" (1988) que se tornou recentemente um musical nas mãos de Miguel Falabella. As personagens com "os nervos à flor da pele" vivem a experiência do abandono do amante. "Loucas de amor", reagem. Uma é internada. A outra enlouquece. Outra se vinga. O conflito psíquico expressa-se em sintomas corporais.

A história conta que em 1885 Sigmund Freud, o inventor da Psicanálise, foi ao hospital Salpêtrière, em Paris, para conhecer o neurologista Jean-Martin Charcot que trabalhava com uma doença de nome "histeria", cujos estudos ampliaram a compreensão de uma sintomatologia até então vista como simulação de uma doença, encenada pelos doentes, como se não fosse "verdade". Uma expressão preconceituosa sobre pessoas ditas "histéricas", vistas pelos "dramas e mentiras" representados. E que, nos séculos passados, não mereceu a devida atenção clínica, mas apenas a intervenção religiosa com tentativas de cura pelo exorcismo ou, então, pela fogueira, pois o fenômeno era coisa de mulheres-bruxas. No Iluminismo, no fim do século da razão, os cientistas passam a se perguntar: como é possível que algumas reações afetivas sejam acompanhadas e convertidas em dores físicas tão intensas, em sintomas orgânicos crônicos? O que passaram a entender, a partir daí, é que a mente e o corpo são interdependentes, atuam concomitantemente e adoecem o sujeito.

Freud e Josef Breuer, em "Estudos sobre a Histeria" (1893-1895), indicam a histeria como a soma de afetos (complexo representativo dos sentimentos

eróticos) que permaneceram inconscientes e transformados (convertidos) em sintomas somáticos (motores e sensitivos): uma doença de origem emocional (psicológica), a neurose de conversão, cujos sintomas físicos são resultados de um processo de recalçamento de conflitos da história infantil das pessoas. E, por serem intoleráveis, se mantêm inconscientes, mas chegam à consciência graças aos sintomas associados ao intenso afeto. Assim, a dor somática não é “criada”, “inventada” e “mentida” pelos humanos, como se supunha anteriormente à Psicanálise. Hoje sabemos que o corpo encontra uma solução simbólica para expressar seus conflitos emocionais. A dor mental converte-se em dor física para ser usada, aumentada e mantida para comunicar algo, uma história de vida, a ser decifrada, compreendida numa relação analítica (o paciente e seu psicanalista). A alma sofre. O corpo clama e adocece.

E conclui o poeta:

*Só uma palavra me devora
Aquele que meu coração não diz
Só o que me cega, o que me faz infeliz
É o brilho do olhar que não sofre.*
(Fagner, 1978)

* Maria Elizabeth Mori é psicanalista da Sociedade de Psicanálise de Brasília.